

INTERAÇÃO E INTERATIVIDADE: IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Simone de Paula Teodoro Moreira (Unimep – simone@unis.edu.br)
Celso Augusto dos Santos Gomes (Unimep – celso.gomes@unis.edu.br)
Wanderson Gomes de Souza (Unimep – wanderson@unis.edu.br)

Grupo Temático 6. Educação e tecnologias: formação e atuação de educadores/profissionais
Subgrupo 6.1. Conhecimentos e práticas: aprendizagem da docência e desenvolvimento profissional

Resumo:

Este trabalho trata do tema interação e interatividade no processo educativo. Tal abordagem se justifica pelo considerável crescimento da educação a distância nos últimos anos e pela frequente discussão acerca dos processos possíveis ou não de interação mediada pelas tecnologias nessa modalidade de educação e seus limitantes. O objetivo deste estudo é, inicialmente, entender os conceitos de interação e interatividade e perceber sua importância no processo educativo para formação de professores na modalidade de educação a distância. Este propósito será conseguido a partir da revisão bibliográfica, à luz de autores como Lévy, Saviani, Primo e Peters, buscando o entendimento de interação mediada por computador e uma reflexão acerca do relacionamento entre os interagentes. A análise priorizará a significação e abrangência dos conceitos de interatividade e interação.

Palavras-chave: Interação. Interatividade. Educação a Distância. Interação mediada.

Abstract:

This work deals with the subject interaction and interactivity in the educational process. This approach is justified by the considerable growth of distance education in recent years and the frequent discussion of possible or not possible processes of technologies mediated by this interaction modality of education and its limitations. The objective of this study is to initially understand the concepts of interaction and interactivity and realize its importance in the educational process for teacher training in the modality of distance education. This purpose will be achieved from the literature review, using vision of authors as Lévy, Saviani, Primo and Peters, seeking understanding of computer-mediated and a reflection on the relationship between the interacting interaction. The analysis will prioritize the significance and scope of the concepts of interactivity and interaction.

Keywords: Interaction. Interactivity. Distance Education. Mediated interaction.

1. Introdução

Na Educação a Distância (EaD), bem como em todo o contexto educacional, um tema que perpassa pelas mais diversas discussões está ligado à interatividade e à interação. No entanto, o que se percebe, nos mais diferentes modelos de EaD, é a predominância de transposição de conteúdos de uma determinada disciplina e uma empobrecida troca de informação entre sujeitos envolvidos. Neste ponto, faz-se necessário perceber como são entendidos esses conceitos pelos agentes envolvidos no processo de aprendizagem e até que ponto as tecnologias são potencializadoras ou limitadoras para efetivação de interação.

Se os conceitos estão bem esclarecidos, onde está a incoerência entre o discurso e a prática adotada na formação de professores nessa modalidade de educação?

Quando o assunto em discussão envolve novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), o termo interatividade é extremamente explorado e passa a ideia de que está diretamente ligado à questão da informática. A interatividade é entendida como um fenômeno que despontou com a evolução dos computadores e suas interfaces. Mas, a partir de que ponto o relacionamento usuário-computador pode ser considerado uma ação interativa de fato? (EZEQUIEL, 2009)

Este trabalho aborda a questão da interação e interatividade e sua importância no processo de formação de professores, considerando o contexto da EaD e, portanto, de uma interação mediada. A partir de autores diversos, busca-se definir com mais clareza esses conceitos e identificar se efetivamente a interação ocorre em cursos a distância, uma vez que fica claro ao longo do estudo a importância da interação para efetivação do processo de ensino aprendizagem.

Tal abordagem se justifica em função do crescimento da oferta de cursos e alunos em EaD, tornando fundamental esse tipo de análise, uma vez que interatividade tem sido uma palavra utilizada de forma indiscriminada em contextos que falam de EaD, na intenção de ressaltar qualidades ou características positivas desse tipo de educação.

É importante salientar também que a finalidade desse trabalho buscar contribuir com o trabalho das instituições que oferecem cursos de formação de professores na EaD, para que suas propostas levem em consideração a relevância de se estabelecer efetivamente um meio de interação entre os integrantes do curso.

Este propósito será conseguido a partir da revisão bibliográfica, considerando a visão de diversos autores sobre os assuntos relacionados.

2. Conceituando interação e interatividade

A partir de Levy (1999), Belloni (1999) e Primo (1998) vamos entender os conceitos de interação e interatividade, bem como suas considerações e pontos em destaque em cada definição.

Para Levy (1999, p.79) o termo interatividade ressalta, em geral, “a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação” e completa ainda que um receptor de informação nunca é passivo, a menos que esteja morto, pois “mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho”. No quadro I, Levy (1999, p.83) resume os diferentes tipos de interatividade considerando dois eixos: dispositivos de comunicação e a relação com a mensagem.

Belloni (1999, p. 58) esclarece a diferença entre interação e interatividade, considerando que a interação é uma ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de sujeitos, que pode ser direta ou indireta (mediatizada). Interatividade pode significar a potencialidade técnica oferecida por determinado meio (CD-ROMs de consulta, hipertextos em geral, etc.) ou a atividade humana, do usuário, de agir sobre a máquina, e de receber, em troca, uma “retroação” da máquina sobre ele.

Quadro I – Os diferentes tipos de interatividade

Dispositivo de comunicação \ Relação com a Mensagem	Mensagem linear não-alterável em tempo real	Interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real	Implicação do participante na mensagem
Difusão unilateral	Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema	Bancos de dados multimodais, Hiperdocumentos fixos, Simulações sem imersão nem possibilidade de modificar o modelo	Videogames com um só participante, Simulações com imersão (simulador voo) sem modificação possível do modelo
Diálogo, reciprocidade	Correspondência postal entre duas pessoas	Telefone, Videofone	Diálogos através de mundos virtuais
Diálogo entre vários participantes	Rede de correspondência, Sistema das publicações em uma comunidade de pesquisa, correio eletrônico, Conferências eletrônicas	Teleconferência ou videoconferência com vários participantes, Hiperdocumentos abertos acessíveis online, frutos da escrita/leitura de uma comunidade, Simulações (com possibilidade de atuar sobre o modelo) como de suportes de debates de uma comunidade.	RPG multiusuário no ciberespaço, Videogame em “realidade virtual” com vários participantes, Comunicação em mundos virtuais, negociação contínua dos participantes sobre suas imagens e a imagem de sua situação comum.

Fonte: Lévy, (1999, p.83)

Primo (1998, p. 14) propõe um estudo que leva em consideração “o que acontece entre os interagentes” e que leva ao estudo da qualidade da relação que emerge da ação entre eles. Esse fator, que é a relação em si, desconsiderada por muitos paradigmas, vai sendo definido durante o processo pelos participantes da interação. Nesse sentido, a interação é entendida como “ação entre”.

Desloca-se do clássico “emissor-receptor” para o que ocorre entre os interagentes, isto é, a interação, as ações entre eles, as mediações. Obviamente valoriza-se também o contexto e como ele influencia a interação. A partir então da pragmática da comunicação, Primo (1998) sugere dois tipos de interação: mútua e reativa. A primeira se apresenta como plena e a segunda como fraca e limitada. (DIAS, 2006, p. 37).

Primo (1998) diz que a interação mútua é caracterizada como um sistema aberto, por relações interdependentes e processos de negociação, nos quais cada interagente participa da construção inventiva da interação, afetando-se mutuamente. Já a interação reativa se caracteriza como um sistema fechado, sendo linear, limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta, com forte roteirização.

A interação mútua forma um todo global, cujos elementos são interdependentes, provocando uma modificação total no sistema caso um elemento seja afetado. O contexto tem papel importante devido às constantes trocas. Os sistemas interativos mútuos estão voltados para a evolução e desenvolvimento. Pelo fato de engajar agentes inteligentes

presencia-se o princípio da equifinalidade, ou seja, os mesmos resultados de uma interação podem ser alcançados de múltiplas formas, mesmo que independente da situação inicial do sistema (DIAS, 2006, p. 38).

Nos sistemas reativos fechados o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente, não percebe o contexto (não reage a ele), não evolui, não se presencia a equifinalidade.

Em relação ao processo, ainda segundo Dias (2006, p. 38)

a interação mútua se dá através da negociação. Cada agente é uma multiplicidade em evolução. Já os sistemas interativos reativos se resumem ao par estímulo-resposta. Supõe-se nesses sistemas (reativos) que um mesmo estímulo acarretará a mesma resposta cada vez que se repetir a interação. Quanto à operação, a interação mútua se dá através de ações interdependentes, ou seja, cada agente ativo e criativo influencia e é influenciado pelo comportamento do outro. Já os sistemas reativos se fecham na ação e reação.

Em relação ao fluxo (ou movimento das informações), “os sistemas de característica mútua têm se fluxo dinâmico e em desenvolvimento. Já o fluxo reativo se apresenta de forma linear e pré-determinada, em eventos isolados” (DIAS, 2006, p. 38).

Posto, em linhas gerais, os conceitos de interação e interatividade, precisamos considerar agora a importância desses conceitos no contexto do processo educativo e entendermos os motivos de buscar a interação na educação, analisando ainda sua efetividade na EaD e sua relevância na formação de professores. Assim, caminharemos para identificar as diferentes abordagens educacionais e perceber suas relações com o processo de interação.

3. Abordagens educacionais na ótica de Dermeval Saviani

Fazendo uma primeira aproximação em relação aos assuntos interação e o processo educativo é relevante, inicialmente, diferenciarmos as principais abordagens educacionais e como elas propiciam a interação, uma vez que o ensino aprendizagem tem seus estudos orientados de acordo com diferentes enfoques. A partir dessas abordagens procuramos, de forma geral, compreender o fenômeno educativo relacionando o momento histórico e a sociedade na qual esse foi criado e de certa forma perceber como esse entendimento pode auxiliar na didática para formação dos professores.

Entende-se por abordagem tradicional a prática educativa caracterizada pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos tempos. Essa tarefa cabe essencialmente ao professor em situações de sala de aula, agindo independente dos interesses dos alunos em relação aos conteúdos das disciplinas.

Saviani (1984, p. 9) identifica essa abordagem como pedagogia tradicional. Ensina que “a escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente”.

Sobre a relação professor e aluno, na escola tradicional, Saviani (1984), mostra que o professor “transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos”. Ainda sob esta perspectiva, o

aluno para ter acesso ao conhecimento tinha de passar pelo professor, que era quem mediava à relação, controlando todas as ações e exigindo obediência por parte dos alunos.

Para esse mesmo autor essa abordagem é classificada como enciclopédica, pois os conteúdos são separados da experiência do aluno e das realidades sociais, o que vale é uma educação formalíssima e acrítica. No relacionamento professor-aluno predomina a autoridade do primeiro, que transmite o conteúdo de maneira unilateral e dogmática, resultando em uma aprendizagem mecânica e receptiva, sendo a memorização indispensável a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma similar as respostas dadas em situações anteriores (SAVIANI, 1984).

De forma resumida, a visão de Saviani em relação ao ensino de tradicional pode ser representada assim:

Quadro 2 – Visão de Saviani (1984) sobre o ensino tradicional

Ensino Tradicional	Saviani
Papel da escola	Transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade
Conteúdos do ensino	Conteúdos acumulados com o tempo, passado como uma enciclopédia
Metodologia	Exposição centrada no professor
Aluno	Depósito de conhecimento
Professor	Transmissor de conhecimentos de forma unilateral e dogmática
Relação professor/aluno	O professor é um ser autoritário
Sociedade-cultura	Tem como consequências os problemas sociais
Avaliação	Por meio de provas, a fim de obter resultados

Fonte: Saviani (1984)

Segundo a classificação de Saviani (1984, p. 13) a abordagem comportamentalista é identificada como a pedagogia tecnicista, que ele apresenta assim:

na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização dos meios, ocupando professor e aluno posições secundárias [...]; é o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão [...]; marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo.

Diz ainda que na pedagogia tecnicista não são professores e alunos que decidem se utilizam ou não determinados meios. “É o processo que define o que professores e alunos devem fazer, e assim também quando e como o farão” (SAVIANI, 1984, p. 14)

Na abordagem humanista, termo não explicitado por Saviani, mas que por características não-diretivas entre ensino e sujeito, podemos identificar dentro do que ele chama de pedagogia nova, considerada o marco inicial para o surgimento das tendências antiautoritárias. Ele pontua que “o professor agiria como um estimulador e orientador da aprendizagem, cuja iniciativa principal caberia aos próprios alunos. Tal aprendizagem seria uma decorrência espontânea do ambiente estimulante e da relação viva que se estabeleceria entre estes e o professor” (Idem, p. 11).

Sobre a abordagem cognitivista, em Saviani (1984), também é possível ser encontrada indiretamente em sua descrição da “pedagogia nova”. Ele descreve “que essa maneira de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional tenha deslocado o

eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento: do aspecto lógico para o psicológico; [...] de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender”.

Trataremos em seguida da interação que ocorre da educação a distância e mediada, considerando a abordagem educacional adotada em seu entorno, uma vez que essa relação influenciará diretamente da formação dos professores inseridos nesse contexto.

4. Interação no processo educativo no contexto da EaD e da educação mediada

Considerados os conceitos de interação, interatividade e as abordagens educacionais, sob a luz de Saviani, precisamos estabelecer a relação entre esses assuntos, buscando perceber a importância no processo educativo, principalmente no que diz respeito à formação de professores na educação a distância, que consideraremos aqui como tipo de educação mediada.

A importância dessa discussão pode ser justificada pela frequência de estudantes nos cursos de formação de professores a distância, que de acordo com o Censo.EaD.br 2010¹ representa um total superior a 20% dos alunos matriculados nessa modalidade de educação e mostra-se um dado relevante. Sabe-se também que mesmo com o alto número de alunos matriculados em cursos de licenciatura na modalidade a distância, vários estudos apontam a falta de professores para educação básica em alguns anos. Nesse ponto, o conceito de semiformação ou formação mediana também servirão de sustentação para essa pesquisa, uma vez que “a mera falta de professores não deveria favorecer aqueles que pela sua própria formação provavelmente acabarão prejudicando a própria demanda de docentes” (ADORNO, 1995, p. 51).

Adorno (1995) diz que “numa época em que educação, ciência e tecnologia se apresentam — agora ‘globalmente’, conforme a moda em voga — como passaportes para um mundo ‘moderno’ conforme os ideais de humanização [...] existe a necessidade da crítica permanente” (p. 9), uma vez que, de acordo com Lévy (2000, p. 26)

Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela.

Belloni (2002, p.1) afirma que “embora não seja o único fator determinante, a tecnologia está fortemente associada ao desenvolvimento da Educação a Distância [...]” e portanto, a relevância de se discutir tecnologias nesse contexto. Nesse ponto, necessitamos entender a EaD, bem como seus pressupostos, e perceber as diferentes conceituações de ensino, aprendizagem, educação e educação mediada.

¹ Censo ead.br: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2010.

De acordo com Chaves (2003) a educação e a aprendizagem, mesmo sendo processos que ocorram internamente no indivíduo, podem e devem ser mediadas através dos contatos do indivíduo com o mundo que o cerca, em especial através do seu contato com outras pessoas, seja esse contato cara-a-cara ou remoto (virtual). Ele ainda explica que “tanto o ensino como a aprendizagem são conceitos moralmente neutros, já a educação não, pois ‘educar (alguém ou a si próprio) é, por definição, fazer algo que é moralmente correto e valioso’”.

Através de Adorno (1995, p. 139) questiona-se “‘Educação - para quê?’, onde este ‘para quê’ não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas” e completa refletindo que “uma vez perdido este ‘para quê’, ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade, exigindo um objetivo educacional a partir do seu exterior”.

Ao buscar respostas para esses tipos de questionamentos, é novamente Adorno (1995) quem auxilia comentando que “a educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo” e acrescenta que “ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior” (p. 142).

Diferenciar educação convencional de educação mediada também se faz necessário nesse contexto. Assim posto, cabe apontar que independente do tipo de educação se convencional ou mediada, a palavra educação será empregada em ambos os casos, por ter um sentido mais abrangente e ter interesse pela construção do ser como um todo.

É possível elencar diversas características, vantagens e desvantagens em relação a cada uma dessas modalidades de educação (convencional ou mediada) e são Pallof e Pratt (2002) e Peters (2004) quem pontuam essas diferenças. Na educação convencional a presença física dos integrantes é a condição para que, supostamente, o aprendiz (aluno) aprenda. Como educação mediada, destaca-se a educação à distância, que necessita da mediação tecnológica em quase que a totalidade de seus momentos para se tornar eficaz na tarefa de promover o ensino-aprendizagem.

Esses diferentes autores caracterizam a educação convencional como um modelo onde o processo de ensino aprendizagem ocorre partindo de contato presencial, entre professor (aquele que ensina) e aluno (aquele que aprende) e defendem que a sociedade do conhecimento e da informação, e a crescente evolução tecnológica, forçam uma mudança nessa educação convencional tendo em vista as possibilidades de comunicação e interação nesse processo, fornecendo uma educação mais significativa, com um olhar voltando para o mercado de trabalho.

Chaves (2003, p.7) defende, fazendo um paralelo entre as modalidades, que a comunicação presencial “pode facilmente detectar as nuances da expressão sonora não verbal [...] e da linguagem corporal [...] e é mais eficaz para o ensino do que a comunicação remota, ainda que se faça uso de todos os recursos que as tecnologias atuais colocam à nossa disposição”.

Assim, como um olhar voltado para sociedade contemporânea, urgem reunir as várias possibilidades educativas, que agreguem o uso das diversas tecnologias, como instrumentos de aprendizagem, no intuito de se repensar a escola, a forma como se leciona e todo o modelo pedagógico que envolve esse processo. A educação mediada não vem para ser substituta do modelo de educação convencional. Essas precisam ser vistas como modalidades do mesmo processo: educação e aprendizagem.

No entanto, o Censo.EAD.br (2010) nos auxilia com números e análises em relação das tendências e predominâncias de cursos e tecnologias utilizadas na modalidade a distância nos últimos anos, demonstrando que ainda prevalecem nos cursos as provas escritas presenciais e trabalho de pesquisa em detrimento de atividades on-line, discussões em fóruns que envolvem interação, da mesma forma que ainda prevalecem a utilização da internet de forma assíncrona e os vídeos pré-gravados e material impresso em relação às tecnologias síncronas e vídeos em tempo real com possibilidade de interação.

Silva (2010, p. 82) diz que “a escola não se encontra em sintonia com a emergência da interatividade. Encontra-se alheia ao espírito do tempo e mantém-se fechada em si mesma, em seus rituais de transmissão, quando o seu entorno modifica-se fundamentalmente em nova dimensão comunicacional”.

Na prática diária de EaD, o que se observa é que quanto maior é a acessibilidade ao material impresso, de rádio de televisão, proporcionada, por exemplo, pelo emprego dos meios de massa, tanto maior o número de estudantes e tanto mais esporádica e escassa a interação direta e indireta entre docentes e discentes (PETERS, 2004). Trata-se de uma prática comum em grandes universidades a distância e é criticada por especialistas da área (PETERS, 2003; PALLOFF e PRATT, 2002), pois na opinião deles é necessário possibilitar-lhes o diálogo com os docentes e outros estudantes, porque nisso consistiria o verdadeiro fundamento do ensino científico.

Sabe-se que todas as tecnologias possuem vantagens e desvantagens, necessitando de ajustes, combinações e acertos para que possamos tirar delas maior proveito nas tarefas que envolvam ensino e aprendizagem a distância.

A revolução das tecnologias digitais de comunicação e informação e a progressiva orientação das ações educativas na direção dos interesses e necessidades das pessoas, ao longo de toda a vida, está reduzindo o prazo de validade dos modelos e facilitando a quebra dos paradigmas mais resistentes” (PETERS, 2003, p.15).

8

Conforme citou Peters, percebe-se a necessidade de mudança quando comparada à evolução tecnológica desse tempo à evolução dos processos e práticas educativas no mesmo período. A mesma predominância e cuidados apontados pelos autores, em relação às tecnologias na educação, continuam a prevalecer nos dias atuais, com tentativas ousadas de pequenos grupos, mas com um contexto muito diferente do contexto de décadas atrás.

Erroneamente supomos que a tecnologia tem um efeito unilateral, quando na verdade tanto pode ser positiva quando negativa, dependendo do contexto de sua aplicação, por isso a necessidade de uma crítica permanente diante dos processos que a envolvem.

Segundo Lévy (2000)

Fala-se muitas vezes no ‘impacto’ das novas tecnologias da informação sobre a sociedade ou a cultura. A tecnologia seria algo comparável a um projétil (pedra, obus, míssil?) e a cultura ou a sociedade a um alvo vivo... Esta metáfora bélica é criticável em vários sentidos. A questão não é tanto avaliar a pertinência estilística de uma figura retórica, mas sim esclarecer o esquema de leitura dos fenômenos – a meu ver, inadequados – que a metáfora de impacto nos revela (p. 21).

A influência da tecnologia na sociedade se dará na medida em que a própria sociedade, na qual a mesma está inserida, a analisar, aceitar, adaptá-la e rejeitá-la. Uma sociedade passiva certamente tenderá a aceitar a imposição tecnológica sem questioná-la.

De acordo com a Teoria da Distância Transacional de Moore (1993), a transação denominada EaD ocorre entre discentes e docentes num local que possui como característica especial a separação entre os interagentes. Obviamente, esta separação produz diferentes comportamentos de alunos e professores, afetando tanto o ensino quanto a aprendizagem. “Com a separação surge um espaço psicológico e comunicacional a ser transposto, um espaço de potenciais mal-entendidos entre as intervenções do instrutor e as do aluno. Este espaço psicológico e comunicacional é a distância transacional” (MOORE, 1993, p.1).

Entre as três variáveis da teoria da Distância Transacional de Moore (1993) temos o diálogo com sua primazia na educação. Como destacou Peters “dá-se importância a uma solução conjunta do problema discutido, desejando chegar a uma compreensão mais profunda dos estudantes” (2004, p.73). Ressalta-se também que a estrutura do curso, outra variável da Teoria de Moore (1993) ensejou a comunicação entre os alunos. Peters (2003) afirma que manipulando os meios de comunicação é possível ampliar o diálogo e reduzir a distância transacional, “pois um método de ensino expositivo-entregador pode, no máximo, produzir uma aprendizagem no sentido de apropriar-se, de guardar na memória e de reproduzir o saber quando desafiado. Mas o que é desejável [...] é a capacidade de um pensar crítico autônomo” (PETERS, 2003, p.79).

Peters (2004) acentua ainda que a extensão e natureza do diálogo dependem do meio de comunicação utilizado e, também, da natureza do conteúdo discutido. Destaca-se, portanto, que a qualidade do diálogo realizado estará diretamente relacionada à possibilidade do uso da internet e tipo de mediação que será realizada por uma equipe de suporte com professores/as altamente competentes.

É nesse sentido que estabelecemos uma relação próxima entre as abordagens, claramente definidas por Saviani (1984), com a prática adotada na EaD. Percebe-se que, apesar de diferentes relatos que tentam descrever a modalidade de educação a distância como uma prática embebida de interação e interatividade, a realidade adotada tende a uma abordagem mais tradicional, voltada para a exposição do conteúdo, menos focada no diálogo e nos relacionamentos.

Ainda de acordo com Ezequiel (2009), a maior parte dos estudos sobre interação mediada por computador enfatiza apenas a capacidade e características da máquina. Sob esse enfoque, os seres humanos e as relações sociais envolvidas tornam-se coadjuvantes no processo, priorizando pontos como velocidade de acesso e capacidade de armazenamento de informação, e deixando ao plano secundário as ações humanas.

Em outro viés, a interação como simples transmissão de informações é um caminho recorrente no estudo da interação mediada por computador que faz uso das teorias tecnicistas e que tentam igualar - de maneira reducionista - a cognição e o comportamento humano ao computador e seu funcionamento. Em qualquer situação interativa, reduzir a interação a aspectos meramente tecnológicos “é desprezar a complexidade do processo de interação mediada. É fechar os olhos para o que há além do computador” (PRIMO, 2007, p.30).

Nesse complexo cenário, onde a interação e imediatismo são perseguidos o tempo todo, os professores são desafiados a acompanhar o processo de construção da

aprendizagem dos alunos. Para tanto, é necessário repensar a escola, o professor, o aluno e o processo de ensino aprendizagem.

5. Considerações finais

É oportuno resgatar aqui que, nos últimos anos, o termo interatividade passou a ser utilizado sem discriminação, nos mais variados contextos, para qualificar qualquer coisa que permita ao usuário algum tipo de participação. Atualmente, o termo se apresenta como um apelo de venda que agrega valor a produtos e serviços, como sinônimo de algo que é moderno e inovador.

A publicidade em torno desse tema estimula a chamada “indústria da interatividade”, levando o consumidor, seja ele espectador ou usuário, a se seduzir pela promessa de participação ou interferência no produto/serviço adquirido. Mas embora o adjetivo “interativo” possa auxiliar na venda de produtos e serviços, o que é facilmente perceptível é que a qualidade de interação possibilitada varia muito e nem sempre ocorre de forma satisfatória. “Podemos comunicar-nos sem, entretanto, interagirmos em grau apreciável” (EZEQUIEL, 2009).

Na interrelação entre os autores que servem de base para essa rápida análise identifica-se um conjunto de definições que nos possibilitam elucidar alguns pontos importantes do processo de interação na educação a distância, visando a formação de professores.

É possível perceber que uma efetiva interação não será possível a partir de uma abordagem de ensino meramente tradicional ou tecnicista. Ou ainda, que se a interação for conseguida nesse contexto será meramente reativa e não mútua. O ensino-aprendizagem precisa se descolar para as necessidades concretas nas quais os sujeitos estão inseridos, visando o desenvolvimento de alunos conscientes e críticos, desenvolvimento esse que só será possível a partir de diálogos e discussões com grupos.

Para que exista interação é preciso diálogo. É preciso pessoas. Entretanto, o que se percebe muito claramente é o destaque para uma análise da parte técnica dos atuais ambientes virtuais e sistemas para educação a distância, deixando em segundo plano as questões que envolvem o elemento humano nesse contexto, que deveria ser a preocupação fundamental para o processo de interação nessa modalidade de educação.

Partindo dessa afirmação e da ideia inicial de que a interação mediada por computador é um meio de se comunicar, e que em um dos lados existe um ser humano para estabelecer essa interação, para completar esse estudo seria necessário pesquisas sobre a comunicação interpessoal em ambientes virtuais no processo educativo de formação de professores na modalidade a distância.

Para esse aprofundamento, no que diz respeito à análise de interação mediada por tecnologias, em cursos a distância, propõe-se como continuidade pesquisar uma amostra de cursos encerrados ou não, em diferentes modelos de EaD, fazendo uso de diferentes tecnologias, buscando assim traçar um comportamento mais claro nesse meio e, inicialmente, a identificação de algumas ferramentas e modelos que possuem melhor tendência para um desenvolvimento de uma educação mais interativa, dialógica que se afaste da abordagem tradicional e se aproxime da descrição de abordagens mais cognitivista e humanista.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2.ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.

BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a Educação a Distância no Brasil**. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, Abril/2002.

Censo EaD.br: Relatório Analítico da Aprendizagem a Distância no Brasil 2010. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

CHAVES, Eduardo. **Tecnologia na educação: conceitos básicos**. 2003. Disponível em: <<http://www.edutec.net/Tecnologia%20e%20Educacao/edconc.htm>>. Acesso em: 10 jan 2013.

DIAS, Rosilãna Aparecida. **A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM MOVIMENTO: interação e interatividade em cursos online**. 133 p. Dissertação - Universidade Católica de Petrópolis, 2006 Disponível em: <
[http://www.ucp.br/html/joomlaBR/images/mestrado/rosilana%20aparecida%20 dias.pdf](http://www.ucp.br/html/joomlaBR/images/mestrado/rosilana%20aparecida%20dias.pdf)>.
Acesso em: 15. jan. 2013

EZEQUIEL, Vanderlei de Castro. **Interatividade: refletindo sobre a interação mediada por computador**. In: Congresso de la cibernsiedad, 4., 2009, online. Anais... Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/congres2009/es/coms/interatividade-refletindo-sobre-a-interacao-mediada-por-computador/719/>>. Acesso em: 12. jan. 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2000.
PALLOF, Rena. M. & PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional**. Tradução: Ilson Kayser. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2003.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação Mútua e Interação reativa: uma proposta de estudo**. In: CONGRESSO DA INTERCOM, 21., 1998, Recife, PE. Anais eletrônicos.... Recife, 1998. Disponível em: <<http://usr.psyco.ufrgs.br/~aprimo/pb/esprialpb.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa – 5. ed**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.